

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, EXCESSO DE PESO E  
DESLOCAMENTO ATIVO EM ESCOLARES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II: ESTUDO DE CASO**

**IVAN ORTEGA DE SIQUEIRA**

**CORUMBÁ  
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DO PANTANAL  
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, EXCESSO DE PESO E  
DESLOCAMENTO ATIVO EM ESCOLARES DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II: ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada por IVAN ORTEGA DE SIQUEIRA, ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal, como um dos requisitos para a obtenção do título de Professor de Educação Física.

Orientador(a):  
EDINEIA APARECIDA GOMES RIBEIRO

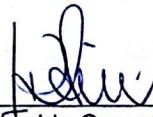
CORUMBÁ  
2015

IVAN ORTEGA DE SIQUEIRA

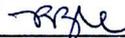
**PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, EXCESSO DE PESO,  
DESLOCAMENTO ATIVO EM ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL II:  
ESTUDO DE CASO**

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de “Licenciado em Educação Física” e aprovado em sua forma final pela banca examinadora.

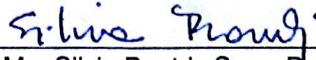
**BANCA EXAMINADORA**



Prof<sup>a</sup> Me. Edineia Aparecida Gomes Ribeiro  
Orientador (a) – UFMS/CPAN



Prof. Me. Rogério Zaim de Melo  
UFMS/CPAN



Prof<sup>a</sup> Me. Silvia Beatriz Serra Baruki  
UFMS/CPAN

Corumbá/MS  
2015

Dedico este trabalho a minha mãe Rita Ortega, aos meus irmãos que de forma física ainda estão junto de mim Iosnir Jorge da Cunha, Izabela Ortega de Siqueira, Isabel Ortega de Siqueira, e ao meu irmão Tancredo Ortega que já foi morar com deus e que com certeza está olhando por todos nós, com todo amor e carinho.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me abençoado e estar sempre o meu lado em cada momento da minha vida. Agradeço a minha mãe Rita Ortega por ter proporcionado muito do que precisei em minha vida, me incentivando e me apoiando em cada decisão, e me amparando nas vezes em que errei. Aos meus irmãos que de forma física ainda estão junto de mim, e ao meu irmão que já foi morar com Deus, e que com toda certeza está olhando por todos nós com muito amor e carinho, nosso anjo da guarda. E a minha namorada Julia Menin que teve um papel muito importante na minha vida e formação.

Agradeço a minha orientadora Professora doutoranda Edineia Aparecida Gomes Ribeiro, por ter apostado em mim mesmo sem me conhecer ao aceitar o meu pedido. Mostrando nesse tempo de orientações o exemplo de pessoa que é, honesta e de caráter inigualável. Hoje talvez, muito mais que professor, uma grande amiga. Espero ter atingido suas expectativas.

Todos os professores que participaram da minha formação, Carlo Golin, Isabella Fernanda, Maria Lúcia, Micheli Guiggi, Alexandre Loro, Íris Soares, Fabiano Santos, Hellen Jacqueline, Andressa Rebelo, Guilherme Marins e Renata Souza.

Agradeço em especial os membros da banca, que são dois professores que estiveram de forma muito presente na minha formação, além de estarem conosco desde o início do curso, foram os professores que mais ministraram disciplinas para minha turma, são eles o professor doutorando Rogério Zaim de Melo, e a professora doutoranda Silvia Beatriz Serra Baruki, que se disponibilizaram prontamente avaliar este trabalho proporcionando contribuições relevantes.

A todos os grandes amigos que fiz dentro do curso e que com certeza levarei para a vida toda, Mauro Yukio, Leticia Soares, Josue Cristiano, Brenda Helen, Juliana Santos, Rubens Pinho, Diego Nascimento, Honapio Carvalho e Márcio Silva, obrigado por todos os momentos que passamos juntos.

E também a todos os amigos de caminhada, kayan Biscaia, Beto Santos, Fernando Silva, Jorge Fernando, Marieli Paravisini, Kelly Paravisini, Ewerton Andrade, Aguinaldo Soares, Juliana Holanda, Joice Sambrana e Fabi bulhões, cada um na sua forma, mas que sempre se fizeram muito presentes.

Não poderia deixar de agradecer a minha “filha” Aika que foi morar no céu ao lado de Deus e de muitos outros cachorros, que esteve comigo nos piores momentos de minha vida e que me ajudou a superar com muitas lambidas de felicidades, e ao meu “filho” Maximus que com certeza, foi a Aika que o mandou lá do céu para substituí-la, e que só trouxe alegria e felicidade pra família toda, e muitos prejuízos também, destruindo metade da casa.

E por último, mas não pouco especial, a todos os funcionários da UFMS que com certeza se não fosse eles a universidade não existiria.

I ain't trying to do what everybody else doing  
Just cause everybody doing what they all do  
If one thing I know, I'll fall but I'll grow  
I'm walking down this road of mine  
This road that I call home

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo avaliar a participação na aula de educação física e variáveis, tais como o estado nutricional e o deslocamento ativo entre os escolares do sexto a nono ano de uma escola da rede pública da área central da cidade de Corumbá-MS. O estudo envolveu 73 escolares de ambos os sexos (45 do sexo masculino e 28 do sexo feminino), matriculados na rede municipal de ensino da cidade de Corumbá-MS. Todos os alunos responderam a um questionário a fim de obter informação acerca da participação nas aulas de educação física e sua relação com o estado nutricional. Além disso, foram coletadas as medidas de estatura e massa corporal para posteriormente avaliar o IMC (índice de massa corporal). As medidas antropométricas como massa corporal foi coletada por meio de uma balança digital da marca PLENNA, capacidade de 150 kg. E para a estatura foi afixada uma fita métrica na parede sem rodapé, com os alunos no plano de *Frankfort* foi anotada a medida em metros. Para os dados descritivos foram utilizados a frequência e proporção. As análises foram realizadas no Excel programa do Windows XP. O IMC elevado não apresentou relação com a participação nas aulas de educação física, pois 95% dos alunos afirmaram participar das aulas, e também observamos que mais de 65% destes alunos se deslocavam de forma ativa até a escola. O aspecto positivo do estudo foi diagnosticar a participação nas aulas de educação física e o deslocamento ativo.

**Palavras-chave:** Educação física escolar; Participação; Estado nutricional; IMC.

## ABSTRACT

This study aimed to evaluate the participation in physical education class and variables such as nutritional status and active commuting between students from sixth to ninth grade of a public school in the central area of the city of Corumbá-MS. The study involved 73 students of both sexes (45 male and 28 female) enrolled in municipal schools in the city of Corumbá-MS. All students answered a questionnaire in order to get information about participation in physical education classes and its relation to nutritional status. In addition, they collected the height and weight measurements to further evaluate the BMI (body mass index). Anthropometric measurements such as body mass was collected through a digital scale Plenna, capacity of 150 kg. And for height it was posted a tape on the wall with no baseboard, with students in Frankfurt plan was noted the measure in meters. For the descriptive data were used and the frequency ratio. Analyses were performed in Excel Windows XP program. The high BMI was not associated with participation in physical education classes, as 95% of students said they participate in class, and also noted that more than 65% of these students moved actively to school. The positive aspect of the study was to diagnose participation in physical education classes and active commuting.

***Key words:* Physical education; participation; Nutritional status; BMI.**

## SUMÁRIO

<b>1-INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2- EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectiva na abordagem da saúde.....</b>	<b>13</b>
2.1 PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	15
2.2 ESTADO NUTRICIONAL DE ADOLESCENTES.....	18
2.3 DESLOCAMENTO ATIVO.....	21
<b>3- METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO.....	23
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	23
3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS.....	24
3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	25
<b>4- RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>32</b>

**ANEXO**  
**APÊNDICE**

## 1-INTRODUÇÃO

Na sociedade moderna, em especial nos grandes centros urbanos, nota-se que há um espaço para uma educação física mais utilitária, pois é uma disciplina inserida na grande área da saúde. Contudo, há ainda uma dificuldade em estabelecer uma relação sobre a importância da educação física e sua atuação efetiva na sociedade. As enfermidades adquiridas por conta do sedentarismo têm aumentado cada vez mais (informações já consolidadas na literatura). É evidente que, são reais e os antigos paradigmas que estão sempre à frente da educação física escolar (MIRANDA, 2006).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) direcionados a educação física, deve-se analisar alguns padrões de estética, beleza e saúde presentes no cotidiano, buscando compreender sua inserção no contexto em que são produzidos. Então, é o papel da educação física trabalhar temas oriundos da saúde no âmbito educacional. Haja vista que, para o Ministério da Educação, a saúde está inserida como tema transversal. E, a educação física, dentre os diversos componentes curriculares, contribui no processo formativo sobre o presente assunto.

É necessário estabelecer/rever estratégias que envolvam a educação direcionada para a saúde, o lazer e a adoção de um estilo de vida saudável. No entanto, sabe-se que a adoção do estilo de vida saudável depende de condições individuais e ambientais, especialmente daquelas que envolvem o nível educacional das comunidades (VILARTA; BOCCALETTO, 2008). A presente pesquisa não fará uma discussão sobre os Programas de Saúde, mas chamará a atenção sobre o envolvimento, a participação, dos escolares nas aulas de educação física e o perfil do estado nutricional de escolares.

Afinal, o sobrepeso e obesidade (excesso de peso) na infância e adolescência ocorreu de forma rápida nas últimas décadas. Esse evento triplicou a sua prevalência em jovens do mundo todo, incluindo países desenvolvidos e em desenvolvimento (FRAINER et al., 2011).

De acordo com Gomes et al. (2010), a antropometria tem sido apontada como o parâmetro mais indicado para avaliar o estado nutricional coletivo, principalmente pela facilidade de obtenção das medidas que podem ser válidas e confiáveis, desde que haja treinamento adequado e as aferições sejam devidamente padronizadas. O índice de massa corporal (IMC) é um parâmetro bastante utilizado para classificar o indivíduo, utilizado como

indicador de nível de obesidade. Como meio de manter a atenção sobre o fator peso, o uso do IMC é altamente recomendável (RONDINELLI, 2014).

Outra preocupação é que, parece existir uma grande evasão nas aulas de educação física. A grande maioria justifica-se pela falta de interesse que podem estar baseados em experiências pessoais anteriores. Se as aulas foram marcadas por sucesso e prazer, o aluno poderá ter uma opinião favorável quanto a frequentar as aulas. No entanto, se o aluno registrou várias situações de insucesso, e de alguma forma se excluiu ou foi excluído (pode ser o caso dos obesos), sua opção poderá ser pela dispensa das aulas utilizando como discurso “não gostar da atividade”. Vale destacar ainda a forma como o componente curricular é mal interpretado, enquanto alguns oferecem apenas a prática, outros só fazem a teoria (MILLEN NETO et al., 2010).

Considerando as poucas evidências na literatura sobre a prevalência de excesso de peso e poucos estudos sobre a participação nas aulas de educação física na região Centro-Oeste do Brasil (especialmente na cidade de Corumbá-MS), torna-se relevante as investigações dessas abordagens a fim de contribuir para a análise e debate sobre a implantação de mais pesquisas e a importância dos referidos temas nas aulas de educação física.

Diante do exposto, as questões que nortearão o estudo são: Como se encontra o estado nutricional de escolares do sexto ao nono ano de uma escola pública da região central de Corumbá? Será que os escolares que participam das aulas de educação física tendem a apresentar uma classificação nutricional mais saudável? Será que os escolares participam efetivamente das aulas de educação física?

Para tanto, o estudo tem como objetivo verificar a participação na aula de educação física e variáveis como o estado nutricional e o deslocamento ativo entre os escolares do sexto a nono ano de uma escola da rede pública da área central da cidade de Corumbá-MS.

## 2- EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: perspectiva na abordagem da saúde

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, “a educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica” (BRASIL, 1996). Essa afirmação legitima a educação física como espaço de ensino-aprendizado e não mais como atividade extracurricular, recreativa ou livre. Ela concebe a Educação Física escolar como pertencente ao domínio da Educação e tal pertencimento faz com que o processo educacional seja princípio primordial e estruturador de sua prática.

Pode-se dizer que,

Educação física é uma expressão que surge no século XVIII, em obras de filósofos preocupados com a educação. A formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito –, como desenvolvimento pleno da personalidade. A educação física vem somar-se à educação intelectual e à educação moral. Essa adjetivação da palavra educação demonstra uma visão ainda fragmentada do homem. O atual currículo escolar obedece aos critérios de divisão do conhecimento que impera na ciência moderna. A matemática, as ciências, as línguas, a geografia, etc. correspondem às áreas do saber científico e erudito que se desenvolveram especializada e isoladamente, com base em um modelo de ciência que também remonta há dois ou três séculos. A Educação Artística, a Educação Moral e Cívica e a Educação Física não se enquadram nesses limites e ocupam hoje um lugar incômodo na Escola, o que leva ao questionamento tanto delas próprias, como da educação escolarizada e suas finalidades (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 73-74).

O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF, 2009) cita os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que definem a educação física como “cultura corporal do movimento”, que está inclusa no quadro de objetivos gerais de todo ensino fundamental. A multidisciplinaridade entra, então, como fator essencial no ensino da cultura do movimento corporal. Por isso, a educação física deve tratar também de aspectos ensinados por outras áreas, como o funcionamento do organismo (da área de ciências) e o contexto cultural, social, histórico e geográfico de modalidades esportivas e danças (da área de ciências sociais).

O Professor Dr. Valdir Barbanti<sup>1</sup> fala que muitas pessoas ainda não sabem exatamente o que é a educação física, ou o que seus profissionais fazem. Quando se fala na

---

<sup>1</sup> Professor Dr. Da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto – USP

educação física referimo-nos a um campo extenso de ações. Onde o interesse básico é o movimento humano, mais também se preocupa com o relacionamento entre o movimento humano e outras áreas da educação, isto é, o relacionamento do desenvolvimento físico com o mental, social e o emocional na medida em que eles vão sendo desenvolvidos.

Segundo Garavello (2007), os conteúdos são influenciados historicamente, como por exemplo, a educação física escolar, que durante sua história se destacaram alguns métodos e abordagens e influenciaram nos seus respectivos conteúdos. O método ginástico que compreendia os conteúdos como: marchas, corridas, lançamentos, esgrima, natação, equitação, jogos e danças tendo como objetivo de iniciar os indivíduos nos diferentes esportes orientá-lo no aperfeiçoamento e desenvolvimento das atitudes e gestos, desenvolver o gosto pelo belo, pelo esforço e desempenho; A abordagem desenvolvimentista que desenvolvia os conteúdos em uma ordem de habilidades das mais simples para as complexas. As mais simples tidas como habilidades motoras (correr, saltar, pular), manipulativas (arremessar, saltar) e de estabilidade (girar, flexionar). As complexas são mais específicas relacionadas à cultura englobando os esportes, jogo, dança e atividades industriais; A abordagem construtivista no qual o conteúdo que se destaca é o jogo esportivo, pois é um instrumento pedagógico, um meio de ensino, e é através dele que o aluno vai construindo seu conhecimento ludicamente; A abordagem crítico-superadora os conteúdos nela predominantes como jogos, esportes, ginásticas, lutas e danças estavam relacionados a grandes temas sócio-políticos da atualidade; A abordagem crítico-emancipatória cujo objetivo era ensinar os conteúdos de forma que não se desenvolva somente as habilidades e técnicas deste, mas deve incluir conteúdos de caráter teórico-prático permitindo assim que os alunos organizem a sua realidade, sendo esses conteúdos esporte, dança, ginástica e capoeira tratados de forma com que o aluno possa entender o significado da cultura da aprendizagem.

É extremamente interessante destacar aqui sobre a abordagem da saúde renovada, que segundo Darido (2003) a partir da década de 70, iniciaram-se inúmeras pesquisas na área biológica, porém nem todas tinham intenções explícitas de produzir conhecimento na área escolar. Desde então, muitos pesquisadores dirigiram seus estudos na busca de alternativas para melhorar o desempenho e, em decorrência do aumento do número das academias de ginástica e a procura pela prática da atividade física, houve uma atenção especial aos aspectos relacionados à saúde e à qualidade de vida. Nesta nova perspectiva de Abordagem Pedagógica para Educação Física, considera-se de fundamental importância

a promoção da prática da atividade física e melhoria de fatores fisiológicos como cardiovascular, flexibilidade, resistência muscular e a composição corporal como fatores coadjuvantes na busca de uma melhor qualidade de vida por meio da saúde.

De tal modo Guedes e Guedes (1996), passa a crer em uma Educação Física escolar dentro da matriz biológica, não se afastando de temáticas como saúde e qualidade de vida. Lembrando que a área da educação física deve, se preocupar em levantar alternativas na tentativa de reverter o elevado surgimento de distúrbios orgânicos associados à falta de atividade física, entendendo-se que o desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar na adoção de um estilo de vida ativo devam ser vivenciados na infância e adolescência caracterizando como importantes atributos para práticas regulares de atividade física na fase adulta.

Estudos têm mostrado que na sociedade atual uma grande proporção da população jovem, vem apresentando hábitos de vida que favorecem um cotidiano mais sedentário. E com isso cresce a preocupação da comunidade científica, na área da educação física e saúde pública, que buscam alternativas para auxiliar na tentativa de reverter a elevada incidência de distúrbios orgânicos associados à falta de atividade física. A realização de esforços físicos adequados na infância e na adolescência, apontam evidências positivas associadas as práticas de atividades físicas vivenciadas nessa idade caracterizam como importantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar futuramente num estilo de vida fisicamente ativo (GUEDES; GUEDES, 1997). Por isso a importância de uma educação física escolar que também aborde temas relacionados a saúde e o estilo de vida.

## 2.1 PARTICIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Na educação Física escolar o interesse dos alunos é necessário para o processo de ensino-aprendizagem e alguns elementos giram em volta desse fator, como as relações aluno/aluno, aluno/professor, o conteúdo da aula e a metodologia utilizada. A relação com o professor implica de forma essencial no envolvimento do aluno com a disciplina (DELGADO; PARANHOS, 2009). Além disso, a Educação Física escolar possui uma particularidade quando comparada com as outras disciplinas escolares, ela requer grande utilização do corpo, proporcionando experiências totalmente diferenciadas das outras aulas. Por isso, podemos verificar atitudes diferentes dos/as alunos/as quando estão na aula

de educação física, pois há grande exposição corporal e com isso as habilidades ou inabilidades individuais são facilmente reconhecidas pelo grupo (JACÓ; ALTMANN, 2010). Jacó e Altmann (2012), salientam

Durante as aulas de educação física o corpo torna-se evidente. O corpo que em muitos outros momentos vividos na escola está esquecido atrás de uma mesa, sentado e inerte, é colocado em evidência nas aulas de educação física. Participar dos conteúdos trabalhados nas aulas não exige somente o envolvimento intelectual, mas também requer um envolvimento corporal, que nas demais disciplinas escolares não ocorre de maneira tão intensa. Por isso, também se torna evidente quando ocorre o oposto, ou seja, quando alguém não se envolve com as aulas. Quando alguém não participa dos conteúdos propostos é facilmente percebido/a, pois fica fora da aula, geralmente sentado/a nas arquibancadas, nos cantos, de maneira que essa não participação seja visível para todos/as. (p.2)

Para reforçarmos essa ideia, Oliveira (2006) aponta em sua pesquisa de mestrado;

O fato da não participação na aula dava-se, principalmente, pela vergonha da exposição. Meninas e meninos tinham vergonha de praticar a aula, fosse por características físicas- que pelas próprias transformações morfofuncionais da adolescência começavam a ficar evidentes- ou pela auto avaliação que não 'levam jeito' para o esporte (p. 50).

As aulas de educação física são na maioria das vezes o único espaço onde alguns alunos praticam alguma atividade física. As meninas são as que mais se recusam a participar das aulas práticas de educação física, preferindo realizar trabalhos teóricos, relatórios, observações, etc., do que participar das atividades. Participação essa que a esportivização das aulas de educação física podem estar interferindo na escolha do envolvimento ou não desta aluna, pois há uma repetição de conteúdos esportivos que visam à habilidade e destacam a competição. Como por exemplo, a mania de masculinizar alguns esportes, e afeminar outros também gera barreiras para a participação de ambos os gêneros (ZILBERSTEIN, 2013).

Delgado e Paranhos (2009) realizaram um estudo com 24 alunas do ensino médio na faixa etária de 15 a 18 anos de idade, 12 estudantes de uma escola do ensino público e 12 de uma escola do ensino privado do município do Rio de Janeiro. Onde observaram que as alunas que só participam das aulas as vezes, tiveram como a principal justificativa que só participam das aulas quando o conteúdo as agrada 60%, sendo seguida por 20% das

justificativas de que só gostam de vôlei – um esporte considerado culturalmente como feminino.

Jacó e Altmann (2012) puderam concluir através do seu estudo que as meninas recebem menos apoio e incentivo para participarem das aulas práticas, o que pode contribuir para que elas tenham pouca participação. Fato que acaba acarretando em menos experiências que contribuíssem para que tivessem um bom desempenho nas atividades, visto que os meninos recebem mais apoio, e logo, terão mais experiências diferenciadas com o corpo. Tais experiências enriqueceram o repertório desses meninos e possibilitam maior sucesso nas aulas de educação física e conseqüentemente mais participação.

Existem discussões pautadas com as teorias sobre o desenvolvimento da motivação da pessoa para uma atividade física ou esporte. No entanto, se pode concluir que a motivação é um aspecto psicológico tão importante quanto o aspecto físico. Assim, o profissional de educação física, deveria não só se preocupar com a parte física das pessoas, mas também com o aspecto psíquico, pois muitas vezes estes aspectos são determinantes para o desenvolvimento das práticas esportivas, especialmente em crianças e adolescentes tendo em vista à manutenção deste comportamento quando adultos (ROCHA, 2009).

A origem etimológica da palavra motivação vem do verbo latino movere, sendo a motivação força que coloca a pessoa em ação e que acorda sua disponibilidade de se transformar. É aquilo que nos move, que nos leva a agir e a realizar alguma coisa. Logo, podemos dizer que motivar significa predispor-se um comportamento desejado para determinado fim (ROCHA, 2009, p. 9).

Para a educação física esse trabalho de motivação é ainda maior, pois os seus conteúdos necessitam de motivação, e nem sempre os alunos estão prontos para algum tipo de atividade. Percebe-se que a escola pública tem tido muitos problemas tanto nas instalações como também na falta de materiais que são fundamentais nas aulas de educação física. Diferente de outras disciplinas, a educação física tem uma forma diferente de avaliar seus alunos e os conteúdos trabalhados, que na maioria das vezes são os esportes, que podem ser motivantes ou não (SILVA, 2012).

Um estudo realizado com adolescentes do ensino médio observou que as aulas de Educação Física não estão sendo tão motivadoras, pois os alunos vêm tendo sempre os mesmos conteúdos desde o ensino fundamental, sendo o desporto o mais ministrado. Os alunos demonstraram possuir um forte interesse pelas aulas, porém os que não se interessam alegaram ser a própria aula um fator de desinteresse, além da falta de melhores

locais e materiais. Conclui-se, assim, que não é muito evidente a motivação dos alunos nas aulas de Educação Física no ensino médio (CHICATI, 2000).

Marzinek (2004) aponta no seu estudo dois tipos de motivação, extrínseca e intrínseca. A motivação extrínseca envolve fatores externos que levam os jovens à prática da atividade física, como, por exemplo, influência de colegas, dos pais e do professor. Já a motivação intrínseca inclui fatores internos, como o prazer, satisfação, força de vontade em realizar as aulas de Educação Física. Este mesmo autor ainda relata que existem jovens que não gostam as aulas, que estão sempre desmotivados qualquer que seja a atividade proposta pelo professor. São vários os motivos para este tipo de comportamento, que vão desde a influência de amigos, que escolhem sempre os melhores para o jogo, causando desconforto entre os outros alunos, até a maneira como os conteúdos são abordados.

Há dois estilos motivacionais adotados pelos professores: o controle direto, quando o professor controla diretamente os alunos criando motivos externos para a ação, como imposição de prazos, comandos verbais ou incentivos; o controle indireto é alcançado quando, de modo manifesto ou dissimulado, o professor ativa nos alunos compulsões internas para a ação, através de sentimentos de culpa, vergonha e ansiedade. Por outro lado, o professor pode adotar o estilo promotor de autonomia, nutrindo os recursos motivacionais internos dos estudantes, oferecendo razões significativas para o envolvimento em atividades aparentemente pouco interessantes ou satisfatórias, respeitando o ritmo de aprendizagem do aluno e reconhecendo e aceitando a manifestação de emoções negativas no ambiente de sala de aula (MACHADO *et al.*, apud LIMA 2012, p.10).

Lima (2012) destaca que alguns professores utilizam um método participativo, no qual o aluno tem um espaço maior para interagir com o professor, discutindo de forma aberta os conteúdos. Outros professores, poucos, utilizam metodologia diretiva, em que os alunos se restringem a ouvir e entender o professor enquanto ele passa o conteúdo. Fazer com que todos os alunos participem efetivamente é um grande passo, pois a participação é a base para que novas práticas educacionais sejam efetivadas. Porém, as formas de atrair os alunos para essa prática podem ser das mais variadas.

Observa-se que existe a necessidade de mais estudos para tal discussão, pois a motivação é algo que requer investigação mais detalhada de cunho psicológico ou de domínio afetivo. No entanto, este não é o foco do presente estudo. Todavia, merece a discussão porque pode hipoteticamente justificar a participação dos alunos nas aulas de educação física.

## 2.2 ESTADO NUTRICIONAL DE ADOLESCENTES

A Organização Mundial da Saúde (OMS) projetou que em 2005 o mundo teria 1,6 bilhões de pessoas acima de 15 anos de idade com excesso de peso ( $IMCI \geq 25\text{kg/m}^2$ ) e 400 milhões de obesos ( $IMC \geq 30\text{ kg/m}^2$ ). A projeção para 2015 é ainda mais pessimista: 2,3 bilhões de pessoas com excesso de peso e 700 milhões de obesos. Indicando um aumento de 75% nos casos de obesidade em 10 anos.

No Brasil, é observado o predomínio de excesso de peso nas formas de sobrepeso e obesidade, ao mesmo tempo em que se observa uma redução contínua dos casos de desnutrição. A presença da desnutrição, deficiência de micronutrientes, excesso de peso e outras doenças não transmissíveis coexistentes nas mesmas comunidades e, muitas vezes, no mesmo domicílio caracterizam a transição nutricional (PELEGRINI et al., 2010)

A obesidade é considerada uma doença integrante do grupo de Doenças Crônicas Não-Transmissíveis (DCNT), as quais são de difícil conceituação, gerando aspectos polêmicos quanto à sua própria denominação, seja como doenças não-infecciosas, doenças crônicas-degenerativas ou como doenças crônicas não-transmissíveis, sendo esta última a conceituação atualmente mais utilizada. As DCNT podem ser caracterizadas por doenças com história natural prolongada, múltiplos fatores de risco complexos, interação de fatores etiológicos desconhecidos, causa necessária desconhecida, especificidade de causa desconhecida, ausência de participação ou participação polêmica de microorganismos entre os determinantes, longo período de latência, longo curso assintomático, curso clínico em geral lento, prolongado e permanente, manifestações clínicas com períodos de remissão e de exacerbação, lesões celulares irreversíveis e evolução para diferentes graus de incapacidade ou para a morte (PINHEIRO et al., 2004, p. 524).

Esse caráter epidêmico da obesidade é influenciado por fatores nutricionais inadequados como o consumo exagerado de alimentos com alto valor calórico e rico em gorduras. Que associados ao sedentarismo condicionado por redução da prática de atividade física e o aumento de hábitos que não geram gasto calórico, como por exemplo, assistir televisão, o uso de vídeo-games e computadores (RAMOS, 2009).

A condição de saúde e a constituição corporal do indivíduo, derivado da ingestão e utilização biológica de nutrientes no decorrer de sua vida, resultam no seu estado nutricional. Existem indicadores adotados para a sua avaliação, assumidos por meio de

critérios estatísticos, onde são considerados impróprios quando os indicadores estão acima ou abaixo dos limites da normalidade (QUEIROZ, 2009).

As intensas mudanças corporais na puberdade são características da adolescência, marcadas pelo desenvolvimento emocional, mental e social, acompanhadas por complexas alterações psicológicas, fisiológicas e morfológicas, nas quais a nutrição e o estado nutricional desempenham um importante papel (DUTRA, 2004).

Segundo Maria Inez Saito<sup>2</sup>, a preocupação com a saúde do adolescente vem ganhando espaço, pois até então os adolescentes não recebiam atenção aos temas referentes a eles. Também não existiam programas educacionais ou de promoção social específicos para jovens. Atualmente este panorama vem mudando, e o adolescente vem despertando interesse dentro do contexto médico-político-social, tornando presente conhecimentos maiores sobre a adolescência, pois estes constituem um quarto da população brasileira, onde 70% estão migrados nas áreas urbanas e 30% nas áreas rurais.

Zancul e Dal Fabbro (2007), apontam os adolescentes como um grupo com maior exposição aos riscos nutricionais, por conta dos hábitos alimentares, onde incluem com frequência a ingestão de lanches e refrigerantes (alto teor de gordura e açúcar), tornando assim a adolescência como um dos momentos mais críticos para o surgimento da obesidade. Dutra (2004) observa um hábito muito frequente nos adolescentes, que é pular as refeições, consumindo assim refeições rápidas, geralmente de altas densidades energéticas e de baixa densidade de outros nutrientes essenciais como ferro e cálcio.

Malta et al. (2014) consegue ver ainda mais longe, ele cita que existem estimativas de até cinco milhões de óbitos atribuídos ao excesso de peso, até 2020. O excesso de peso (incluindo as condições de sobrepeso e obesidade) constitui o sexto fator de risco mais importante para a carga global de doenças associadas às DCNT, incluindo doenças cardiovasculares, hipertensão arterial, acidente vascular cerebral, diabetes, câncer de cólon, reto e de mama, cirrose, gota, osteoartrite e apneia do sono. Ainda este mesmo autor expõe que o Brasil conta com um sistema nacional de monitoramento de fatores de risco, que é feito através de entrevistas telefônicas, denominado Vigilância de Fatores de Riscos para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico – VIGITEL.

Segundo Frainer et al. (2011), o surgimento de sobrepeso e obesidade na infância e adolescência ocorreu de forma rápida nas últimas décadas, e isso triplicou o

---

<sup>2</sup> Doutor em Pediatria pela FMUSP; Assistente da Unidade. Instituto da Criança "Prof. Pedro de Alcântara" do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Unidade de Adolescentes.

desenvolvimento destes eventos no mundo todo, incluindo países desenvolvidos e em desenvolvimento. No Brasil, o sobrepeso aumentou de 3,9% (1974-1975) para 17,9% (2002-2003) em meninos, e de 7,5% para 15,4%, em meninas de 10 a 19 anos, nesse mesmo período. Em crianças de seis a nove anos, registrou-se aumento de 4,4% (em 1974-1975) para 13,9% (em 1997). Leal et al. (2012), evidenciou características da transição nutricional, como sendo o responsável da elevação do peso corpóreo num percentual de três a quatro vezes de 1974 a 2009, que resultou em 47,8% de crianças e 21,5% dos adolescentes brasileiros com sobrepeso e obesidade.

Zancul e Dal Fabbro (2007) chamam a atenção para necessidade de atentar-se nas características da alimentação nessa fase. A escola é muito importante, pois é onde muitos alunos fazem as suas refeições, e nesse contexto se percebe a importância de uma educação alimentar para a adoção de hábitos alimentares mais saudáveis. Deste modo Schmitz (2008) aponta a escola como espaço privilegiado para a promoção de ações que melhorem as condições de saúde e do estado nutricional, tornando-a estrategicamente num setor para a realização de iniciativas com o conceito da promoção de saúde.

### 2.3 DESLOCAMENTO ATIVO

No Brasil ainda há poucos levantamentos abordando sobre a utilização de meios de transportes fisicamente ativo, ainda que este meio de se locomover influencie fisicamente de forma positiva é muito pequena a proporção de alunos que vão à escola caminhando, de bicicleta ou de qualquer outra forma que seja ativa. Embora evidências apontem que alterações em simples hábitos diários, como caminhar de casa até a escola, influenciam positivamente nos hábitos de vida das crianças, é corriqueiro ver um elevado número de pais levando os filhos à escola de automóvel. (RECH et al, 2013)

Assim como para Santos et al. (2010), acreditamos na importância do deslocamento ativo para a escola como uma fonte de atividade física diária, pois fica cada vez mais evidente que a prática do deslocamento ativo diário está fortemente associado a diversas melhorias na saúde, desde aptidão cardiorrespiratória, manutenção da massa corporal e redução do risco de acidente vascular cerebral isquêmico, através desse aumento no nível da prática de atividades físicas. Este mesmo autor nos relata sobre um estudo realizado no estado de Santa Catarina onde demonstrou que apenas 20% dos estudantes usavam um modo de transporte fisicamente ativa.

Estudos internacionais mostram que em cidades americanas o percentual de deslocamento ativo é ainda mais baixo que no Brasil, em alguns relatórios estes níveis variam de 10% a 31%, enquanto em outras pesquisas atingiram apenas de 5% a 17%. E as maiores prevalências de deslocamento ativo entre escolares no mundo todo foram encontradas na China com cerca de 88% e na Rússia com incríveis 92%. Vale ressaltar, que maior prevalência de deslocamento ativo no Brasil foi encontrada na região sul, mais especificamente na cidade de Pelotas, onde 73% dos adolescentes se deslocavam ativamente. (SILVA; LOPEZ; SILVA; 2007)

Silva et al. (2014) demonstra em seu estudo que os estudantes do sexo masculino se apresentam mais positivamente nas formas de deslocamento, quando comparados as estudantes do sexo feminino do mesmo estudo. A justificativa para os meninos serem mais fisicamente ativos que as meninas, está ligada ao trabalho doméstico, enquanto as meninas são direcionadas a atividades mais simples dentro de casa, os meninos são direcionados a atividades de intensidade mais vigorosa. Santos (2010), Identificou que a faixa etária e a cor da pele entre os rapazes são variáveis significativamente associadas à inatividade física nos deslocamentos. Os estudantes com cerca de 17 anos e aqueles de cor de pele não branca têm menor chance de inatividade física nos deslocamentos em comparação, aos mais jovens e que mencionaram ter cor de pele branca.

Rech et al. (2013), cita, que alunos que frequentam escolas públicas tem mais tendências a se deslocarem ativamente do que os alunos que frequentam escolas particulares e uma das possíveis explicações para isso, é a diferença da distância do trajeto para a escola e diferenças de posse de carro, que está diretamente relacionado com o nível socioeconômico. Dos estudantes que se deslocam ativamente, 91% estudam em escolas públicas, o que pode estar associado à condições econômicas dos pais ou ainda por estudarem, na maioria das vezes, em escolas localizadas no bairro em que residem. Outros estudos observaram associação entre o deslocamento ativo com baixa renda familiar ou menor quantidade de carros em casa. (SILVA; LOPES; SILVA; 2007)

Sendo assim, igualmente a Santos et al. (2010), pensamos que avaliar os níveis de atividade física pode contribuir para identificação dos fatores que determinam as opções de transporte que os jovens utilizam e, conseqüentemente, orientar melhor o planejamento de intervenções intersetoriais, desenvolvidas como parte dos programas de promoção da atividade física.

Os subcapítulos abordados na revisão de literatura possibilitam uma discussão referente à participação nas aulas de educação física, estado nutricional e deslocamento ativo para a escola. A participação nas aulas de educação física vai além da prática e do jogar bola. Todavia, quando as aulas práticas acontecem gera uma discussão sobre a participação ou não dos alunos. Além disso, o estado nutricional pode interferir na participação prática das aulas. No entanto, o presente trabalho não vai analisar relação entre essas variáveis. Apenas irá apresentar o perfil das variáveis entre os escolares do fundamental II. Compreender também como os adolescentes vão para a escola permite uma discussão sobre ser ativo no contexto do deslocamento. Já que a educação física tem uma das missões diagnosticar, orientar as pessoas na prática de atividade física. Neste caso, o professor de educação física deve instigar a participação e o envolvimento dos adolescentes em atividades físicas fora do ambiente escolar. Haja vista que, a aula de educação não possibilita atingir o tempo de recomendação da atividade física para crianças e adolescentes. A educação física também não tem a pretensão de que os alunos passem os 50 minutos de aula realizando atividades de intensidade moderada a vigorosa. Afinal, existem os conteúdos estruturantes e temas transversais que devem ser seguidos dentro de um planejamento. Todavia, o professor tem autonomia e flexibilidade para ajustar o planejamento e abordar conteúdos como os que estão relacionados à saúde.

### 3- METODOLOGIA

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo e de caso, sendo de caráter transversal. É considerado descritivo porque o objetivo foi descrever as características de uma determinada população. Esse tipo de pesquisa estabelece relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado. Além disso, é transversal porque realizou-se todas as etapas de observações, registros e análises num único momento, não havendo, portanto um período de seguimento dos indivíduos. Quanto ao estudo de caso, sua abordagem metodológica de investigação busca compreender, descobrir e apresentar acontecimentos, nos quais estão envolvidos diversos fatores. Os estudos de caso descritivos procuram apenas apresentar um quadro detalhado de um fenômeno para facilitar a sua compreensão, pois não há a tentativa de testar ou construir modelos teóricos (THOMAS; NELSON, 2002).

A pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) devido o prazo extrapolado. No entanto, buscou certificar-se de todas as cautelas necessárias frente à pesquisa de campo envolvendo o ser humano.

### 3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Participaram do estudo adolescentes de ambos os sexos, com idade de 10 a 18 anos. Os escolares estavam devidamente matriculados e frequentes no ensino fundamental do sexto ao nono ano da escola Municipal Cyríaco Félix de Toledo que foi selecionada por conveniência sendo uma escola da região central de Corumbá-MS. Essa escola recebe alunos de todas as regiões da cidade o que pode contribuir para a caracterização dos sujeitos.

Inicialmente foi realizado o contato com a direção da escola para autorização da pesquisa. Em seguida, foram realizados os levantamentos de número de alunos matriculados nos sextos, sétimos, oitavos e nonos anos e, também, das turmas existentes em cada série. Constatou-se que existiam duas turmas para os sextos, sétimos e oitavos anos. Já no nono ano, havia somente uma turma. Após o levantamento observou-se um total de 173 alunos. Optou-se por selecionar uma turma de cada série respeitando o número proporcional de matriculados tendo como referência o 9º ano, a fim de evitar disparidade na proporção de alunos. Realizou-se o sorteio somente entre as turmas do sétimo ano, pois ambas tinham o mesmo número de alunos matriculados.

Assim, a pesquisa teve o total de 87 alunos (6º= 20; 7º= 24; 8º=20 e 9º= 23) alunos para responder o questionário e coleta antropométrica. Todavia, nos dias pré-agendados das coletas – realizadas nas datas 24 e 26 de março de 2015 (terça e quinta, respectivamente) –Estavam presentes na escola 75 alunos (6º=18; 7º=17; 8º=20 e 9º=20). Contudo, dois não participaram da análise dos resultados cujos os motivos foram recusa às medidas antropométricas e gestação totalizando somente 73 alunos elegíveis. A direção assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permitindo a aplicação do questionário e as coletas de medidas antropométricas. Todas as coletas foram realizadas durante as aulas de educação física com o consentimento pelos dois professores responsáveis pelas turmas analisadas.

### 3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

Foram coletadas as medidas antropométricas como massa corporal por meio de uma balança digital da marca PLENNA, capacidade de 150 kg. A mesma foi calibrada para as pesagens e posicionada em uma superfície regular e firme. No momento da coleta os alunos usavam o uniforme da escola (bermuda/calça e camiseta) e só foram permitidos a subir na balança quando estivessem descalços e sem nenhum acessório (óculos, corrente, etc.) ou com objetos nos bolsos (caneta, moedas, celular, etc.), após isso foi solicitado aos alunos que subissem na balança com os dois pés apoiados na plataforma e o peso distribuído em ambos os pés, não permitindo que o mesmo olhasse para baixo e sim para o horizonte. Em seguida, foi coletada a estatura, sendo afixada uma fita métrica na parede sem rodapé, e solicitado aos alunos que encostassem os calcanhares, panturrilhas e nádegas na parede. Após uma inspiração máxima e no plano de *Frankfort* foi anotada a medida em metros. Posteriormente, calculou-se o IMC tendo como referência os valores críticos de Conde e Monteiro (2006). Todas as medidas foram realizadas pelo próprio pesquisador garantindo a padronização das medidas.

Para analisar a participação na aula de educação física aplicou-se um questionário elaborado por Coledam (2012), com as seguintes questões: 1) “Você participou das aulas de educação física no último semestre ou ano letivo?” com opções de respostas: “A) Não; B) Sim, C) apenas uma aula por semana; D) Sim, participei de todas as aulas”; 2) “Após as aulas de educação física você se sentiu cansado e sem disposição para realizar outras atividades que envolvam esforço físico (por exemplo, caminhar, correr, brincar ou jogar)?”, podendo ser a resposta: “A) Não; B) Sim; C) Em apenas uma aula por semana; D) Sim, em todas as aulas”; 3) “Onde você faz as aulas de Educação Física?”, cujas respostas são: “A) As duas aulas na quadra; B) Uma na quadra e uma na sala; C) As duas na sala”. Esse questionário está em processo de validação, sendo parte da dissertação do autor referido. No entanto, as referentes questões apresentaram reprodutibilidade aceitável de acordo com o índice *Kappa*, com a concordância variando de 78% a 100%.

O presente estudo incluiu mais duas questões elaboradas pelo autor e orientador visando melhores compreensões neste estudo e em estudos futuros quando abordado o deslocamento ativo. As questões são: “4) Como você normalmente se desloca para ir a escola?”, podendo ser a resposta: “A) a pé; B) bicicleta; C) carro/moto; D) ônibus; E) outro”. “5) Quanto tempo você gasta neste deslocamento?”, podendo ser a resposta: “A)

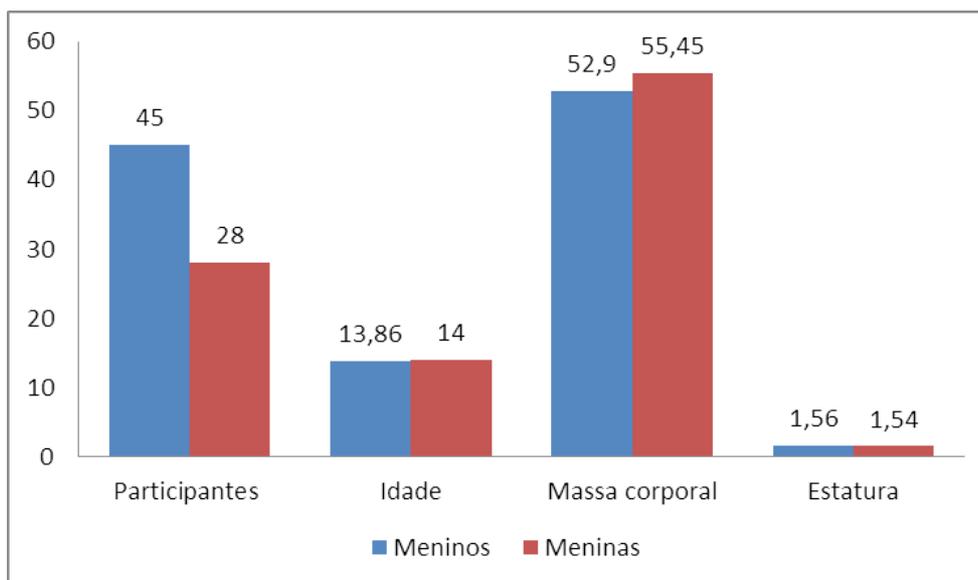
menos de 10 minutos; B) 10 a 19 minutos; C) 20 a 29 minutos; D) 30 a 39 minutos; E) 40 a 49 minutos; F) 50 a 59 minutos; G) 60 ou mais minutos”.

### 3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Para os dados descritivos foram utilizados a frequência e proporção. As análises foram realizadas no Excel programa do Windows XP.

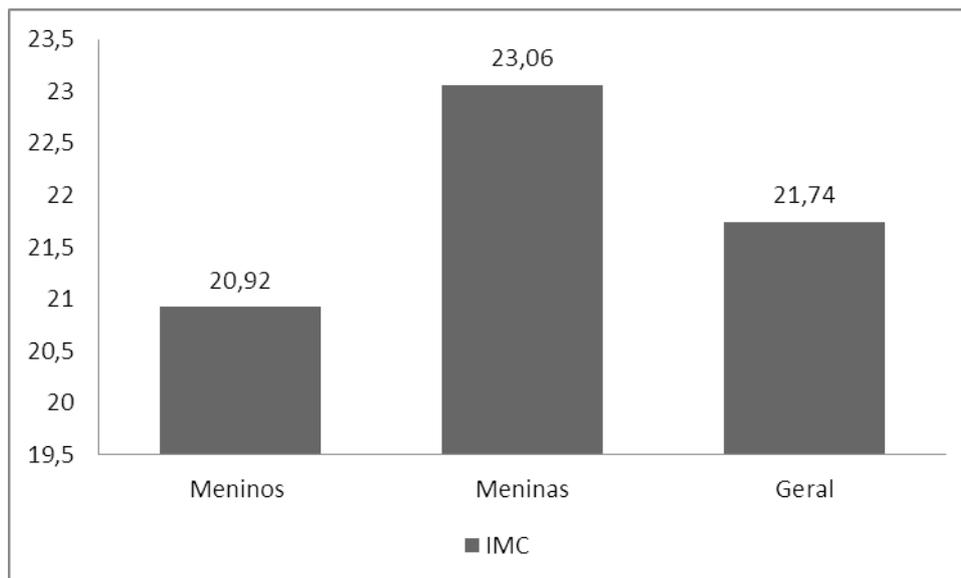
## **4- RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Participaram do estudo 73 alunos, sendo 45 do sexo masculino. Identificou-se que a idade inferior foi de 11 anos e a superior de 18 anos. As características dos escolares podem ser observadas no gráfico 1.

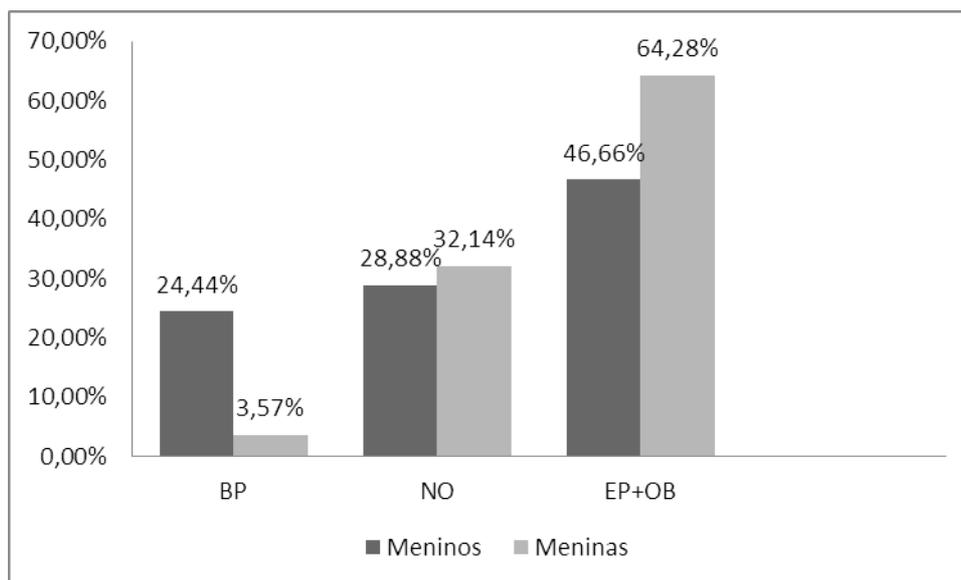


**Gáfico1: Características dos escolares de uma escola pública da região central de Corumbá-MS.**

Com relação à estatura, tanto os meninos como as meninas tiveram as medidas similares (com pouca variação) sendo 1,56 m. A massa corporal foi 52,9 kg (meninos) e 55,45 kg (meninas). Conseqüentemente, o IMC geral foi de 21,7 kg/m<sup>2</sup>. Observou-se que 39 escolares apresentaram excesso de peso (sobrepeso e obesidade). Os meninos são também mais participativos nas aulas de educação física. Pode-se observar os resultados nos gráficos 2 e 3.



**Gráfico 2: Média de Índice de Massa Corporal dos escolares de uma escola pública da região central de Corumbá-MS.**



**Gráfico 3: Classificação do IMC separada por sexo.**

Alguns autores, como Pinheiro (2004) acreditam que a causa nos aumentos da obesidade ainda não está muito bem esclarecidas e com isso surgem três hipóteses que se tornam objetos de estudos, que são: Primeira, a população tem se apresentado geneticamente mais suscetíveis, potencializando o evento em casos de populações com baixa renda, por causa de um “genótipo econômico”, onde os genes relacionados à

obesidade garantiriam uma sobrevivência no caso de escassez de alimentos. Segunda, o aumento progressivo no consumo de gorduras e na densidade energética das dietas, com a diminuição do consumo de fibras e o aumento no consumo de gorduras e açúcares. A terceira, especificamente em casos de países em desenvolvimento como é o caso do Brasil, se fez por causa da urbanização que alterou os padrões de vida e o comportamento alimentar, e com a expansão de setores de serviços onde demandam baixo gasto energético foram associados às alterações significantes e negativa na atividade física.

Já, Escrivão et al (2000) apontam a obesidade como uma doença crônica, multifatorial, em que ocorre uma coincidência de fatores genéticos e ambientais. As causas para explicar esse aumento no número de obesos no mundo estão ligadas às mudanças no estilo de vida e nos hábitos alimentares. Nota-se a utilização cada vez mais frequente de alimentos industrializados, geralmente com alto teor calórico às custas de gordura saturada, e os avanços tecnológicos proporcionaram maior sedentarismo, como se verifica entre as crianças e os adolescentes que permanecem muitas horas sentados em frente aos aparelhos de televisão, *video-games* e computadores.

Silva (2014), observou em seu estudo que na adolescência o sedentarismo é um dos fatores geradores da obesidade, e que mudanças no cotidiano desses adolescentes devem ser reconhecidas como causa, e como já citado acima como uma das hipóteses do aumento da obesidade, o ritmo de vida que anda acelerado, a comodidade e a praticidade leva as pessoas a diminuir cada vez mais as formas se movimentarem fisicamente, como no caso de um deslocamento para casa ou para o trabalho que poderia ser realizado a pé ou de bicicleta, é feito de carro ou moto. No caso principalmente dos adolescentes que tem trocado as suas atividades de lazer como brincadeiras na rua, por inúmeras horas à frente de tvs, celulares e computadores, aumentando o consumo de calorias e diminuindo o gasto de energia.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015), o sobrepeso e a obesidade vêm ganhando destaque no cenário epidemiológico mundial, não só em função da sua prevalência crescente, mas, principalmente, por estarem associados a uma série de danos à saúde. Estudos recentes mostram que a obesidade é o terceiro problema de saúde pública que mais demanda gastos da economia brasileira. Outra característica marcante do crescimento epidêmico do excesso de peso é o aumento deste agravo em idades cada vez mais precoces. Em 2004, já se estimava que 10% das crianças e

adolescentes do mundo apresentavam excesso de peso e que, dentre elas, um quarto eram obesas.

Sobre a participação nas aulas de educação física, identificou-se que 70 alunos confirmaram a participação nas aulas de até duas vezes na semana. Na questão 2, que perguntava se o aluno se sentia disposto a praticar outras atividades após as aulas de educação física, 39 responderam que não se sentem cansados e 23 responderam que se sentem cansados. A questão 3 investigou o local da prática das aulas e a grande maioria respondeu que era uma aula em sala e outra em quadra.

Durante as aulas educação física escolar é o momento mais adequado para tratar da obesidade e suas generalidades, bem como para falar sobre alimentação, prática de atividades físicas, etc. Por conta da má interpretação e visão das aulas de Educação Física, as práticas foram amenizadas. No entanto, a disciplina pode se tornar uma das mais completas disciplinas na escola, por estar relacionada ao tema saúde, tornando as aulas bastante produtivas para tratar da obesidade, sua prevenção e controle. A educação física escolar tem um papel muito importante no processo de obtenção de uma boa qualidade de vida, como hábitos alimentares saudáveis, e prática regular de exercícios físicos. Devendo partir dos professores e da coordenação da escola a promoção de propostas que abordem tais conteúdos, inseridos não apenas na Educação Física, mas trabalhando de forma interdisciplinar promovendo programas na escola que trabalhem a saúde, gerando conhecimentos para as práticas dos educandos.

Segundo as diretrizes curriculares a área de Educação Física hoje contempla múltiplos conhecimentos produzidos e usufruídos pela sociedade a respeito do corpo e do movimento. Entre eles, se consideram fundamentais as atividades culturais de movimento com finalidades de lazer, expressão de sentimentos, afetos e emoções, e com possibilidades de promoção, recuperação e manutenção da saúde. Sendo assim, temos com um dos objetivos dos parâmetros curriculares nacional, onde versa que os alunos sejam capazes de: “conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva.”

Quando analisado o deslocamento para a escola entre os adolescentes, observou-se que 48 alunos vão a pé para a escola enquanto que, 12 alunos vão de carro/moto. É importante mencionar um caso atípico, um dos entrevistados relatou que vai para a escola de *skate*. Uma forma não muito convencional, mas muito ativa. E ainda, o tempo médio

gasto nos deslocamentos até à escola variou entre menos que 10 minutos ou de 10 a 19 minutos.

Conhecer os meios de deslocamento para a escola é fundamental porque possibilita perceber que àqueles que moram perto da escola vão a pé, sendo ativos nesta atividade física. Àqueles que moram mais distantes ou por questão de segurança vão de carro/moto.

O estudo de Rech (2013) encontrou que, a maioria dos escolares avaliados se deslocam até a escola de forma ativa. Este comportamento parecer ser comum nos indivíduos de condições econômicas menos favoráveis, pois foram os apresentaram maiores percentuais de deslocamento ativo à escola. Algumas variáveis como segurança durante o percurso e conhecimento dos benefícios da prática da atividade física ainda são pouco exploradas e talvez necessitem de um olhar diferenciado das autoridades públicas e da sociedade em geral para que melhores condições sejam oferecidas em favor da promoção da saúde e da qualidade de vida. É importante destacar que há poucas publicações a nível nacional sobre deslocamento para a escola, o que dificultou a comparação com estudos relacionados com o deslocamento ativo de escolares. Fica assim evidente a necessidade de que outros estudos sejam realizados no Brasil, para a contribuição de futuras intervenções.

Este trabalho foi muito importante para o nosso conhecimento, pois nos faz refletir que as poucas aulas de educação física não são suficientes para uma consciência sobre a manutenção do estado nutricional e da saúde dos adolescentes. O que nos faz voltar os olhares para a prática de aulas cada vez mais direcionadas ao estímulo da prática de atividades físicas diárias e alimentação saudável, visando à transformação desses jovens em adultos saudáveis. Afinal, um dos papéis da educação física cuja abordagem é a da saúde renovada vai além das orientações em relação aos bons níveis de aptidão física. Abordar os assuntos direcionados à saúde e ao estilo de vida nas aulas de educação física deve ser uma prática pedagógica constante. Haja vista que, a intenção é minimizar os riscos que levam as doenças cardiometabólicas consideradas problemas de saúde pública.

O presente estudo apresenta limitações como: a) número de amostra reduzida e apenas uma escola selecionada. Não foi realizado cálculo de amostragem, porém a escola selecionada é central e atende escolar de todas as regiões de Corumbá-MS; b) não foi realizado teste estatístico para garantir a significância dos resultados, portanto é necessário cuidado na interpretação dos resultados não podendo extrapolar para todos os escolares de Corumbá; c) existe o viés do questionário, os escolares podem “burlar” as respostas.

Em contrapartida, o aspecto positivo do estudo foi diagnosticar a participação nas aulas de educação física e o deslocamento ativo. Sugere-se futuras pesquisas podendo relacionar a participação nas aulas de educação física com o deslocamento ativo entre os jovens. Além disso, a escola avaliada – por ser da região central – recebe escolares de toda a região de Corumbá. A pesquisa contou com escolares das diferentes regiões da cidade, dados não mostrados. Neste quesito, sugere-se pesquisas de cunho epidemiológico. Assim, teremos o mapeamento dos escolares e o diagnóstico de seus comportamentos.

## 5. CONCLUSÃO

Diante da proposta de estudo concluiu-se que, a maioria dos escolares participam ativamente das duas aulas de educação física que são oferecidas pelo colégio em questão. Os meninos se mostraram mais participativos nas aulas em relação às meninas, e coincidentemente um número menor de meninos tem excesso de peso. Além disso, a maioria desses alunos se desloca até a escola porque moram próximo ao colégio (região central), ou seja. No entanto, é o excesso de peso está presente nos escolares avaliados. Para maiores investigações sugere avaliar os hábitos alimentares dentro e fora do colégio e, também, o nível de comportamento sedentário. Talvez esses escolares sejam ativos nestes únicos momentos (aula de educação física e deslocamento para a escola) do dia.

## REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.73-81, 0, 2002.

BRASIL. Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Lei de diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial**, Brasília de 1996.

CHICATI, K.C. Motivação nas aulas de educação física no ensino médio. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v.11, n.1, p.97-105, 2000.

COLEDAM, Diogo Henrique Constantino. **Participação nas aulas de educação física e prática de atividade física habitual com o atendimento de critérios de aptidão física relacionada à saúde em escolares**. 2012. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000182190>>. Acesso em: 10 maio 2015.

CONDE, W. L.; MONTEIRO, C. A. Body mass index cutoff points for evaluation of nutritional status in Brazilian children and adolescents. **Jornal de Pediatria**, v.82, n.4, p.266-272, 2006.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DELGADO, Danilo MÜller; PARANHOS, Tiago Leite. **Fatores que levam a não participação das alunas nas aulas de educação física escolar no ensino médio**. 2009. 35

f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2009.

Dutra, Carmem L. C. Estado nutricional de adolescentes residentes no Sul do Brasil : um estudo de base populacional / Carmem L. C. Dutra ; orientadora Cora Luiza P. Araújo ; co-orientadora Andréa D. Bertoldi . – Pelotas : UFPel, 2004. ix , 96f.

Escrivão, Maria Arlte M.S. et al. Obesidade exógena na infância e na adolescência. **Jornal Pediatria**, Rio de Janeiro, 2000;76(Supl.3):s305-s10

FRAINER, Deivis Elton Schlickmann et al. Prevalência e Fatores Associados ao Excesso de Peso em Adolescentes de Salvador, Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 17, n. 2, p.102-106, 0 abr. 2011.

GARAVELLO, Priscila Julia. **Os conteúdos da Educação Física Escolar: A visão docente**. 2007. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Unesp, Bauru, 2007.

GOMES, Fabio da Silva et al. Antropometria como ferramenta de avaliação do estado nutricional coletivo de adolescentes. **Revista de Nutrição**, Campinas, Sp, v. 23, n. 4, p.592-604, 6 mar. 2010. Bimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rn/v23n4/v23n4a10.pdf>>. Acesso em: 7 out. 2014

GUEDES, Joana Elisabete Ribeiro Pinto; GUEDES, Dartagnan Pinto. Características dos programas de educação física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 1, n. 11, p.49-62, 0 jun. 1997.

GUEDES, D.P; GUEDES, J. E. R. P, **Controle do Peso Corporal: Composição Corporal Atividade Física e Nutrição**. Londrina: Midiograf, 1996

HARTWIG, Tiago Wally; AZEVEDO, Mário Renato. **Estado nutricional de escolares e sua relação com a participação nas aulas de Educação Física**. 2010. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, Año 15, Nº 151, Diciembre de 2010.. Disponível em:

<<http://www.efdeportes.com/efd151/estado-nutricional-de-escolares-e-a-participacao.htm>>. Acesso em: 10 out. 2014.

JACÓ, Juliana Fagundes; ALTMANN, Helena . **Participação nas aulas: Pensando a Educação Física Escolar sob a perspectiva de gênero. In: Grupos de Pesquisa em Educação Física Escolar. IV Seminário de Ensino da Educação Física da Faculdade de Educação da USP- Semef. São Paulo, SP. p. 01- 20, 2012.**

LIMA, Anna Caroline Moura. **Motivação nas aulas de educação física.** 2012. 15 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2012

MALTA, Deborah Carvalho et al. Evolução anual da prevalência de excesso de peso e obesidade em adultos nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal entre 2006 e 2012. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 0, n. 0, p.267-276, 0, 2014.

MARZINEK, Adriano. **A motivação de adolescentes nas aulas de educação física.** 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2004.

MILLEN NETO, Alvaro Rego et al. Evasão escolar e desinteresse dos alunos nas aulas de educação física. **Revista Pensar A Prática**, Goiânia, go, v. 13, n. 2, p.1-15, ago. 2010.

MIRANDA, Made Junior. Educação física e saúde na escola. **Revista Estudos**, Goiânia, go, v. 33, n. 8, p.643-653, ago. 2006.

OLIVEIRA, Luciana Santos de. **Atividade física e hábitos alimentares em Adolescentes com excesso de peso.** 2009. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

Oliveira, Rogério Cruz. **Educação física, escola e cultura : o enredo das diferenças** /Rogério Cruz Oliveira. - Campinas, SP: [s.n], 2006.Orientador: Jocimar

Daolio. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

PELEGRINI, Andreia et al. Estado nutricional e fatores associados em escolares domiciliados na área rural e urbana. **Revista de Nutrição**, Campinas, Sp, v. 5, n. 23, p.839-846, 0 out. 2010.

PETROSKI, e L; A PELEGRINI,; GLANER, M F. Insatisfação corporal em adolescentes rurais e urbanos. **Revista Motricidade**, Portugal, v. 4, n. 5, p.13-25, set. 2009. Disponível em: <[http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2009\\_vol5\\_n4/v5n4a03.pdf](http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2009_vol5_n4/v5n4a03.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2014.

PINHEIRO, Anelise Rízzolo de Oliveira; FREITAS, Sérgio Fernando Torres de; CORSO, Arlete Catarina Tittoni. Uma abordagem epidemiológica da obesidade. **Revista de Nutrição**, Campinas, Sp, v. 4, n. 17, p.523-533, 0 dez. 2004.

QUEIROZ, Rosana Matos. **Avaliação do estado nutricional, por meio de dados antropométricos, de adolescentes indígenas matriculados na escola municipal Francisco Meireles, dourados, MS.** 2009. 50 f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Uems, Dourados, 2009.

RAMOS, Mariana de Lima Mendes. **Prevalência de sobrepeso/obesidade e fatores associados, em escolares de 10 a 14 anos de campo grande - ms campo grande 2009.** 2009. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Saúde e Desenvolvimento, Ufms, Campo Grande, 2009.

RECH, Ricardo et al. Fatores associados ao deslocamento ativo em escolares. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Caxias do Sul, v. 18, n. 3, p.332-338, 30 jun. 2013. Brazilian Society of Physical Activity and Health.

ROCHA, Cláudia Christina Mendes. **A motivação de adolescentes do ensino fundamental para a prática da educação física escolar.** 2009. 49 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia do Desporto, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2009.

RONDINELLI, Paula. **Índice de massa corporal (IMC)**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao-fisica/Indice-massa-corporal-imc.htm>>. Acesso em: 10 out. 14.

SCHMITZ, Bethsáida de Abreu Soares et al. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p.312-322, Não é um mês valido! 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008001400016&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-311X2008001400016&script=sci_arttext)>

SANTOS, Carla Meneses et al. Prevalência e fatores associados à inatividade física nos deslocamentos para escola em adolescentes. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, p.1419-1430, 2010. FapUNIFESP (SciELO).

SILVA, Ana Roberta Vilarouca da et al. Hábitos alimentares de adolescentes de escolas públicas de Fortaleza, CE, Brasil. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília,df, v. 62, n. 1, p.18-24, 0 fev. 2009.

Silva, Francimar Ramos da. **Níveis de motivação de escolares nas aulas de educação física na Cidade de Candeias do Jamari - RO/** Francimar Ramos da Silva. Porto Velho, Rondônia, 2012. 49f.

Silva, K. S.; Lopes, A. S.; Silva, F. M. **Atividade física no deslocamento à escola e no tempo livre em crianças e adolescentes da cidade de João Pessoa, PB, Brasil**. R. bras. Ci e Mov. 2007; 15(3): 61-70.

SILVA, Raquel Urbano da et al. Características sociodemográficas e deslocamento ativo em adolescentes escolares. **Revista Saúde e Pesquisa**, Maringá, v. 7, n. 3, p.383-388, 17 ago. 2014.

SILVA, Wesley Gomes da. **Considerações sobre o sedentarismo na adolescência: uma revisão de literatura**. 2014. 41 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física,

Universidade Federal de Goiás, Alexânia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/4625/5/TCCG - Educaao Fsica - Wesley Gomes da Silva.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2015.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K. **Mtodos de pesquisa em atividade fsica**. 3. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

VILARTA, Roberto; BOCCALETTO, Estela Marina Alves. **Atividade Fsica e Qualidade de Vida na Escola: Conceitos e Aplicaoes Dirigidos  Graduaao em Educaao Fsica**. Campinas,sp: Ipes, 2008. 184 p. Disponível em: <[http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/livro\\_afqv\\_completo.pdf](http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/deafa/qvaf/livro_afqv_completo.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2014.

ZANCUL, Mariana de Senzi; FABBRO, Amaury Lelis dal. Escolhas alimentares e estado nutricional de adolescentes em escolas de ensino fundamental. **Alimentaao e Nutriao**, Araraquara,sp, v. 18, n. 3, p.253-259, 0 set. 2007.

ZILBERSTEIN, Jacqueline. **A participaao nas aulas de educaao fsica no ensino mdio do colgio de aplicaao da UFRGS: O que pensam as alunas e os professores de educaao fsica**. 2013. 59 f. TCC (Graduaao) - Curso de Educaao Fsica, Ufrgs, Porto Alegre, 2013.